

*As fadas não usam batom*¹

João de Mancelos

Três contos do livro

Como beijar uma rapariga com aparelho nos dentes

Um ano é quanto basta, para notares a diferença. A camisola azul, a tua favorita, já não te serve; as sapatilhas magoam-te nos polegares e ameaçam encravar-te as unhas; os calções de banho parecem ter encolhido uns bons centímetros. Cresceste meio palmo, e caminhas desengonçado, uma perna maior do que a outra, consciente de que todos olham para ti e se riem à socapa. Mesmo a voz te responde de forma diferente, hesitando entre o baixo e tenor. Por vezes, até tens medo: não sabes se vais falar como um duende se à super-homem. Já não te reconheces no espelho onde estudas o corpo, em segredo, quando todos dormem. És tu e não és tu.

É também de outra maneira que contemplas as tuas amigas, a pedalarem pela marginal, junto à praia. Mudaram tanto desde o último Estio! A Lina agora usa aparelho nos dentes; em contrapartida, livrou-se das borbulhas que lhe pintalgavam o rosto. Como tu, cresceu — tanto que a bicicleta vermelha lembra um brinquedo minúsculo. Segura o guiador com uma só mão, e leva com a outra o gelado de morango à boca.

— Olha o Pedro! — grita, mal te vê.

Há dois anos, a Lina ainda juntava fósseis, conchas e mexericos. Este Verão, como virás a descobrir, coleciona namorados: desde o nadador salvador, um rapaz que, todas as tardes, joga voleibol com ela, ao miúdo da bolacha americana, que lhe deita o braço sobre os ombros, unindo-a si numa cumplicidade de risos.

A Lina para a bicicleta junto a ti:

— Então, Pedro? Ainda te lembras de mim?

— Não é fácil esquecer-te!

— Como está o teu cão imaginário?

— Acabas de o atropelar!

A Lina parece gozar-te impiedosamente, com o sorriso prateado pelo aparelhinho.

¹ Mancelos, João de. *As fadas não usam batom*. Coimbra: A Mar Arte, 1.ª ed. 1998; Lisboa: Nova Vega, 2.ª ed. aumentada 2004.

Estende-te o gelado e dás-lhe uma lambidela.

A Maria, irmã mais nova de Lina, segue-a, na bicicleta. Pedala na tua direção, com um grito de guerra. Quando esperas o choque iminente, trava e derrapa numa nuvem de poeira. Das duas irmãs, com treze e quinze anos, foi ela quem mudou mais. Está magra como um lápis, ao ponto de as maçãs do rosto, muito coradas, sobressaírem:

— Olá, Pedro!

— Olá, magricela!

A Maria cortou o cabelo, o que realçou os olhos da cor do oceano em dia de bandeira verde. Tem o rosto salpicado de acne, mas, felizmente, não te beija. Tal como a mana, mantém sempre o bom humor — é a feliz possuidora uma alma à prova de borbulhas, desastres amorosos, e todos os restantes espinhos da adolescência.

— Estás giro! — assobia. — Tens namorada? Ou é invisível?

— Não, não tenho — e as tuas orelhas ficam vermelhas, sinal inequívoco de que estás envergonhado.

As duas irmãs olham uma para a outra e trocam um sorriso de Gioconda. Enerva-te, aquela telepatia das manas. Nem precisam de abrir a boca para te gozarem. Nunca lhes escapa qualquer detalhe suscetível de chacota: uma gaivota atrevida que te bicou o boné, ou a onda que te arrebatou uma sapatilha para as profundezas.

— Nenhuma namorada, ah? Temos de tratar disso — promete a Lina.

— Pois *tenho* — corrige a Maria.

A Maria tem um fraquinho por ti. No Verão passado, fazia os possíveis para estar contigo. Passava por tua casa e perguntava-te se querias ir à praia, à piscina, ao café jogar matraquilhos. Se declinavas a companhia, a Maria amuava, mas acabava sempre por se cruzar contigo nas ruas de Buarcos — como quem não quer a coisa. Dava-te o braço, enquanto procuravam pechinchas: pulseiras de plástico, pendentos de latão, e outra quinquilharia.

— Não são o máximo?

Mostra-te uns brincos *hippies* de plástico, que lembram argolas de chuveiro. Observa-la de vários ângulos, enquanto ela levanta o cabelo.

— Sim... não estão mal...

— Que comentário é esse?! — a Maria reage muito mal a críticas.

— Quer dizer: são *lindos*!

— Isso! Esforça-te! Rapazes...

A Maria bem tenta seduzir-te, mas o teu ai Jesus é a Lina. Nessa tarde, espia-la, escondido atrás de uma duna. Está debaixo de um guarda-sol, concentrada num livro de bolso, a soltar suspiros cor-de-rosa. Às vezes, poisa o romance, e olha para longe, com um ar

melancólico. Só as gaivotas têm clemência da sua paixão, e poisam junto dela, deixando a areia semeada de patinhas com três dedos.

Tudo te atrai nela: o queixo delicado, os lábios carnudos, e — estranhamente — o aparelho. Fascina-te, aquela engenhoca prateada. Será que dói, quando ela beija?

Aproximas-te pé ante pé, sem ruído. Tapas-lhe os olhos e ordenas:

— Adivinha!

— Júlio?

— Não...

— Já sei! É o Alberto, o da loja de *surf*!

— Não! Sou eu, o Pedro!

A Lina ri-se. Tiras-lhe o livro da mão e examinas a capa, onde um latino beija apaixonadamente uma mulher cor de leite. É parecido contigo, a mesma tez bronzeada, e os olhos coruscantes.

— Que andas a ler, Lina?

— Uma história de amor. Dá para passar o tempo.

Guarda o livro na sacola, e retira o creme de bronzear. Pensas que te pedirá para lho espalhares, mas a rapariga aplica apenas uma pequena quantidade no rosto.

— Também ando a ler umas coisas — dizes. — O *Robinson Crusoe*.

— O *Robinson*? Aquele livro sobre um náufrago e um indígena chamado Sexta-feira?

— É esse todo! Já leste?

— Mas isso é um livro para *miúdos*, não é? Daqui a pouco dizes-me que gostas da Branca de Neve...

A Maria, que parecia distraída, solta uma gargalhada:

— Talvez o Pedro goste dela. Uma princesa de pele branca, *como tu*, Lina...

Detestas quando falam de ti como se não estivesses presente. Queres ser engolido pela próxima onda, mas ficas. Ficas, porque é com a Lina que sonhas todas as noites, e rezas para que ela te beije como o latino beija a mulher loira, na capa do livro.

Mas quando estás junto da rapariga, descontrolas-te. Entaramelas as palavras, ficas tonto, esticas a camisola azul, receoso de que esteja demasiado curta — e está, mas é a tua favorita. Deves confessar-lhe o teu amor? Pôr cobro a esse sofrimento que te consome? A Lina ou te quer ou te larga, e está na altura de saberes. A festa de Buarcos parece-te uma ocasião apropriada para lhe dizeres quanto gostas dela. No meio do bulício, das danças estonteantes, dos parzinhos que se mimam.

Nas vésperas, treinas em frente ao espelho. Versão um — a frontal: Ó Lina, dás-me um beijo? Demasiado direta. Versão dois — a suave: Linaaa, dáas-me um beeeijo? Ridículo. Pareces

um disco de 45 rotações em 33. Versão três — inexpressiva como um robot: Li-na-dá-mum-bei-jo! Decides-te pelo improviso, e seja o que o Cupido quiser.

Escolhes uma camisola comprida para não teres de a esticar o tempo todo e prometes cinco ave-marias se as orelhas não te atraíçoaem. Porque estes momentos têm de ser perfeitos, fazes a barba com mil cuidados, não sobre um daqueles pelos ridículos e solitários que às vezes escapam ao escanhoar. Para dar um toque de elegância, desperdiças um sexto do frasco de perfume que te deram no aniversário:

— Estás a matar, Casanova! — exultas, diante do espelho.

Abalas para Buarcos, a freguesia coberta de risos, música e aroma a guloseimas cozinhadas na hora. No jardim, a banda toca e os pares dançam, ignorando a mosquitada ao redor dos candeeiros e dos atrelados onde se vendem pipocas e algodão doce. A Lina e a Maria já lá estão, com o António, um colega teu. A mais nova veste um *top* e uma saia negras, a combinar com as unhas, e a contrastar com a pele. A Lina dá-lhe uma cotovelada:

— Olha quem chegou! Já tens par!

A Maria abraça-te:

— Meu príncipe encantado! Cheiras bem! Tomaste banho?

E riem-se as duas. A Lina está radiante — traz uma camisola de Verão, às riscas cor-de-rosa, e uma minissaia particularmente bem-vinda, porque deixa ver as pernas bem torneadas.

Ao longo da noite, as manas discutem roupas, rapazes e discos. Assuntos diferentes dos teus favoritos: futebol e raparigas. Porém, eras capaz de ouvir a Lina durante horas, não pelas palavras, mas pelo movimento dos lábios e pelo cintilar do aparelhinho.

— Leva-me a dançar! — pede a Maria.

— Não posso... Tenho os pés tortos.

— Pés tortos?! És um fofinho!

Não há nada de mais humilhante do que ser chamado *fofinho*. Fofinhos são os ursos de peluche que saem na rifa, são os algodões doces, são os cachorros da tia Matilda! Uma miúda chega ao pé de ti, espeta-te um dedo na barriga e diz: “que fofinho!” As raparigas de onze anos estão sempre nisso. Umas parvinhas.

— Vá lá, anda dançar connosco! — suplica a Maria.

Misturam-se com os restantes pares, enquanto um acordeão toca uma balada pimba muito em moda nesse agosto. Por azar, não te calhou a Lina, mas a mana. Uma mão no ombro; a outra na cintura. A Maria tem uma anca pequena, e tremes ao pensar que a mão te pode escorregar para sítios menos próprios. A Maria cola-se a ti e poisa-te a cabeça no ombro. O cabelo dela provoca-te cócegas agradáveis. Acaricias-lhe a nuca, em especial uma covinha, no cimo do pescoço, onde a pele parece ser ainda mais suave.

— Não pares, Pedro. Isso é tão bom!

Digas o que disseres — és *mesmo* um fofinho.

— Queres ir até à praia? — perguntas-lhe.

— É uma ideia brilhante! Podíamos ver de lá o fogo-de-artifício!

O António, tu e as meninas juntam os trocos e compram duas embalagens de cerveja — doze latas ao todo. Como o vendedor é primo do António, não coloca qualquer entrave à venda de álcool a menores. Nada como a solidariedade masculina. Caminham para longe da festa, na direção do mar.

— Tão calmo, aqui — murmura a Maria, apreciando a brisa fresca.

— Demasiado. Vamos animar a noite — o António passa-te uma cerveja. — Tens idade para beber, Pedro?

— Engraçadinho!

A cerveja é amarga e fresca. Deixa-la escorrer pelo queixo, misturar-se com a transpiração e com o perfume com que te encharcaste. Passa-la à Maria, que traga sete goladas sem respirar, e depois arrota o mais alto que pode.

— Bravo! — grita a mana. — Gostava de ver um rapaz fazer melhor do que isso.

E riem-se todos. Ao acabarem a primeira embalagem de loirinhas, o António saca do maço de tabaco, e acende um cigarro à Lina. A tua amada, iluminada pela chama, inspira, devagar. Depois lança uma baforada experiente.

— Onde aprendeste isso? — perguntas.

— Faz parte do currículo do nono ano.

A Lina passa-te um cigarro, e tentas imitá-la. Felizmente, não te desfazes em tosse. Sentes apenas um picar sobre a língua. Não é mau, não é bom.

O álcool descontraí-te. A meio da terceira lata de cerveja, aproximas a tua mão da de Lina, lentamente, como um caçador que receia afugentar a presa. Graças a essa misteriosa coragem que a bebida concede, murmuras as palavras que toda a noite andaram às voltas pela tua cabeça:

— Lina, dá-me um beijo.

A Lina ergue uma sobrancelha:

— Um beijo?! Nada é grátis neste mundo, miúdo. Se queres um beijo, tens de o merecer.

— Como? Eu faço tudo o que quiseres!

— *Tudo?*

— Sim, tudo — dizes com firmeza.

— Muito bem, Pedro... — a Lina medita durante alguns instantes. — Amanhã entrego-te uma lista de tarefas. Se as fizeres *todas*, se não falhares *nem uma* dou-te um beijo daqui a

uma semana.

Ergues um braço ao céu e gritas um *sim!* eufórico. Está no papo, que ninguém duvide! A excitação percorre-te dos dedos dos pés à cabeça tonta de cerveja. No céu, o fogo-de-artifício explode em lágrimas de todas as cores do Verão.

No dia seguinte, levantas-te mais cedo, encavalitas-te na bicicleta e pedalas até ao chalé que os pais das meninas alugaram. Através da janela da cozinha, a Lina vê-te e acena como uma naufraga. Entras pelas traseiras, saúdas o pai das raparigas — que grunhe qualquer coisa atrás do jornal — e tomas lugar à mesa.

— Hoje madrugaste! — diz a mãe das raparigas. Notas que usa o mesmo perfume que a Lina trazia no dia anterior. — Tens programa?

— Não sei ainda — respondes.

A Lina abafa o riso:

— O Pedro está prestes a tornar-se num rapaz muito, muito ocupado. Mana, dá-lhe o TPC.

A Maria passa-te uma folhinha de papel de carta. Desdobra-la e lê, com uma ruga apreensiva na testa. A lista da Lina, condição para que te beije, é *grande!* Inclui todas as tarefas enfadonhas que os pais a encarregaram de fazer:

1. Pintar a cerca;
2. Arrumar o quarto da Lina — e o da Maria (alguém acrescentara);
3. Lavar o carro;
4. Passear o Farrusco *todos* os dias;
5. Consertar a janela da sala;
6. etc. Um grande etc.

— Nunca vou conseguir! — queixas-te.

— É pegar ou largar — a Lina olha-te em desafio.

— Está bem, então. Quando começo?

— Agora! Encontras um pincel e tinta branca na garagem.

A Maria acaricia-te o pescoço e deseja-te boa sorte, antes de descer na direção do areal, dos gelados, das braçadas na maré cheia, e de todos os divertimentos que abandonas. Em que te meteste? Valerá a pena? Pensas em correr atrás das meninas e anular a aposta. Mas quando a rapariga se volta e te acena, em câmara lenta, com um sorriso metálico, acreditas que todos os sacrifícios serão recompensados.

Ao longo dessa semana, durante quatro horas diárias, cumpres as tarefas da lista com a devoção de um penitente. Nesse primeiro dia, pintas a cerca. Depois, dás banho ao *fox terrier*, que se encostou às tábuas e ficou, também ele, às riscas brancas. Finalmente, oleias as

dobradiças do portão.

No segundo dia, depois de lavares o carro, pausas para passear o cão, e desentorpecer as pernas. Contudo, esta tarefa não é tão relaxante quanto parece. O Farrusco arrasta-te ao ponto de parecer que é ele que te leva pela trela. E urina em toda a parte: pneus, árvores, marcos de correio, bocas-de-incêndio.

— Que te deram as manas a beber, cachorro?

Três raparigas, amigas de férias da Lina, vêm-te e acenam. A Rita comenta:

— Olá, Pedro! Bonito cão! — e afaga-o.

Agora é que ele devia fazer xixi para as pernas da Rita. Mas contém-se.

— Ouvi um boato sobre uma promessa, Pedro.

— O quê? — perguntas, desconfiado.

— Diz-se por aí que a Lina te obriga a fazeres tudo, em troca de um beijo.

As orelhas enrubescem. As outras colegas riem-se e cochicham. Em apenas um dia, toda a gente já sabe. Alguém deu à língua, está visto.

A meio da terceira tarde de trabalhos forçados, quase caís em tentação. Bates à porta do quarto da Lina, para o arrumar. Como não escutas ninguém, rodas a maçaneta e entras. A Lina dorme, abandonada como uma marioneta à qual cortaram os cordéis. Aproximas-te com cuidado, para não a acordares. Acaricias-lhe os dedos; aspiras o aroma a maçãs verdes do champô dela; contempas os lábios entreabertos, que revelam o brilho do aparelho. A Lina abre um pouco mais a boca, engole um bocadinho de saliva, e continua a dormir. Podias dar-lhe um beijo: assim, desprevenida, nem notaria. Mas ama-la e não podes atraí-la. Faltam quatro dias, dois lábios, e um beijo.

A jornada seguinte foi a mais penosa. Não sentes o mesmo entusiasmo. O pai das raparigas não acha a camada de tinta suficientemente espessa. Vai daí, repetes o trabalho e ficas com bolhas nas mãos. A Maria agacha-se e oferece-te uma limonada:

— Então, Pedro?

— Já falta pouco para acabar a lista — tiras o boné e limpas a testa. — Conserto a janela amanhã. Arranjei os parafusos e a chave de fendas.

— Não te parece trabalho a mais para conseguir um beijo?

Encolhes os ombros. Preferes não responder.

— Até porque não precisas disso. Há outras raparigas...

— Não quero o beijo de outras raparigas. Quero o da Lina, e mereço-o.

— Sim, mas os outros rapazes não tiveram de pintar a cerca, nem de passear o cão, nem...

A limonada sabe-te a ácido. A rapariga tem razão.

No quinto dia, estás a aparafusar a dobradiça da janela, quando o pai da Lina e da Maria exclama:

— Bom trabalho! A Maria contou-me que as ajudaste imenso nas tarefas de férias, Pedro. Deixa-me compensar-te de algum modo — e puxa da carteira.

— Não, por favor! — dás um salto para trás.

— Aceita. Merece-lo!

— Não, obrigado — engoles em seco. — Faço isto por gosto.

A nota fica suspensa no ar. Depois, o pai das raparigas recolhe-a, grunhe qualquer coisa, e afasta-se. Respiras de alívio. O beijo não pode ser pago.

No último dia do suplício, trabalhas com o dobro do empenho. Lavas o automóvel escrupulosamente, arrumas o quarto das raparigas, e até passeias o Farrusco com entusiasmo. Faltam dezoito horas para beijares a Lina, junto ao pontão.

Nessa noite dormes mal. Enrodilhas-te nos lençóis, a febre percorrer-te o corpo. Despertas pelo meio-dia com uma dor de cabeça gritante, e o estômago embrulhado de nervos. Mal tocas no almoço, ansioso. Agora, contas os minutos que faltam.

Às três horas da tarde, certinhas, chegas ao pontão. A Lina esta lá, a sorver um gelado de morango, e a andar de um lado para o outro.

— Olá, Lina! Estás aqui há muito?

— Há algum tempo. O António não costuma tardar tanto a chegar.

— À espera do António? Mas, Lina, hoje é o nosso dia!

— Que dia?

— Oh, não, diz-me que não te esqueceste! O dia do beijo!

— Ah, já? Esta minha cabeça...

— Então...? Vais dar-me um beijo...

— Pedro, Pedro... As coisas mudaram: agora tenho um namorado *a sério*, o António. Não quero deitá-lo a perder por causa de uma aposta qualquer!

— Uma aposta qualquer? Não é justo, Lina! Eu fiz tudo, *tudo*! Quero o *meu* beijo!

A Lina perde a paciência:

— Não, já disse! Sendo a ti, punha-me a andar, que o António está a aparecer por aí.

Revês imagens de todas as tarefas que cumpriste ao longo dessa semana. O do cão a urinar por toda a parte, o quarto num desalinho, a maldita da cerca. É de mais! Empurras a Lina contra o farol. O gelado de morango cai e mancha-lhe o vestido. Por um momento, olha-te, incrédula. Aproveitas e pregas-lhe um beijo. A Lina geme, tenta repelir-te, mas está presa. Por fim, as mãos dela já não te afastam. Saboreias o beijo, morno e húmido. Até que uma mão te arranca para longe da rapariga. É o António.

— Que estás a fazer?! — pergunta.

— Fui obrigada! — explica a Lina.

Num ápice, o António prega-te um bofetão que te fende os lábios. Dobra-te com um soco no ventre. Por fim, empurra-te e estatelas-te no chão de cimento. A dor estala-te nos ouvidos. Escorre sangue do nariz. Não sabes quanto tempo ficas ali, agarrado ao estômago. Meia hora ou mais. Até que alguém se aproxima e te afaga o cabelo.

— A Lina é terrível. Nunca pensou que conseguisses cumprir a promessa — diz a Maria, ajoelhada a teu lado. — Nunca.

Tentas falar, mas as palavras estão secas na garganta.

— Se querias assim tanto um beijo, bastava pedires-me, Pedro. Não terias de trabalhar como um mouro. Gosto de ti há muito tempo, mas só tens olhos para a Lina.

Ajuda-te a levantar, senta-te na rocha, e examina os ferimentos da sova:

— Olha para ti, Pedro... O estado em que estás.

Com um cantinho do lenço limpa aqui e acolá alguns vestígios de sangue no canto dos lábios. Depois, beija-os ao de leve. E depois com mais força, a sua língua sobre a tua, um gosto a saliva, um sabor a sangue.

Quando para, olha-te nos olhos:

— Pedro, sabes uma coisa? As tuas orelhas *não* estão vermelhas!

Ris-te. Ficas toda a tarde a beijar, e a desabafar.

— As férias acabaram-se. Partimos hoje à noite — diz a Maria. — Não te esqueças de mim.

— Não esquecerei.

— Promete que escreves!

— Prometido!

Maria salta para a bicicleta e pedala, com energia, na direção do sol. A meio do paredão, larga o guiador e estende os braços como asas — para que o vento a leve.

A História que eu não devia contar

A minha irmã sorriu, o rosto iluminado pelas treze velas ao redor do bolo de aniversário.

— Sopra!

Encheu o peito de ar e apagou todas as chamas de uma assentada. Um coro desafinado, composto pelos nossos familiares e colegas de escola, cantarolou “parabéns a você”.

Exatamente sete minutos depois, a minha mãe acendeu de novo as velas.

— Agora é a tua vez, mano!

— Três, dois, um... — soprei com toda a força, enquanto os convivas bisavam os parabéns.

A Catarina e eu partilhámos durante nove meses o mesmo útero, e nascemos apenas intervalados por alguns minutos. Herdámos a telepatia dos gémeos: se um de nós se corta ao descascar uma maçã, o outro faz um lanho também; se regresso da escola angustiado, a Catarina sente uma irreprimível vontade de chorar.

— Vocês são pão da mesma fornada! — diz-nos a mãe.

Um ano antes, tinha-nos proibido de tomarmos banho juntos. Fosse a nossa entrada na puberdade, fosse a desconfiança de que existia entre mim e Catarina um afeto proibido desde o início dos tempos, o certo é que eu e a mana víramos o nosso amor ameaçado. A mãe jamais percebera que nós éramos *yin* e *yian*, e que nada nos deveria separar.

Consequentemente, dissimulámos a nossa paixão, e só namorávamos durante a noite. Cada qual saía do seu quarto, pé ante pé, e encontrávamo-nos no consultório médico do pai, no andar térreo. Depressa o olhar se adaptava à semiobscuridade, e percebia os *posters* que forravam as paredes: diagramas médicos, o mapa da circulação e uma imagem do aparelho genital feminino — pintado em tons de laranja e rosa.

O nosso ritual obedecia a uma sequência precisa. A Catarina acendia uma vela com cheiro de alfazema; eu sentava-me à secretária do pai, pegava numa caneta e fingia tomar notas num boletim clínico. Em seguida, observava a mana, que despia as roupas na minha frente, peça a peça. Primeiro, a camisa de noite tombava a seus pés; depois, tirava a roupa interior. Uma penugem fina cobria o seu corpo iluminado pelo halo da vela. A um canto, um esqueleto de riso espedado olhava-nos como um *voyeur*.

A uma ordem minha, a mana estendia-se no divã. Eu levantava-me, pendurava o estetoscópio ao pescoço e examinava-a, de olhos ora fitos no corpo que a adolescência torneava, ora na porta por onde o pai podia irromper a qualquer instante. Mais do que o ato de amor, o que nos excitava era aquela mistura de perigo e prazer.

No fim, a Catarina vestia-se, sem pressas, e colocava a questão habitual:

— Que tenho doutor?

— Uma infeção na alma.

— Tem cura?

Eu abanava a cabeça:

— Prognóstico reservado — e passava-lhe uma receita contra o incesto.

Depois de brincarmos aos médicos, beijávamo-nos uma última vez, antes de regressarmos aos quartos, muito sérios, numa pose que nos parecia ser a dos adultos. Tínhamos medo e sabíamos que este comportamento estava errado. A mana contou-me que rezava todas as noites para afastar de nós a perversidade. Pela minha parte, tentava compensar as nossas más

ações fazendo toda a espécie de recados que a mãe ou o pai pediam. Mas isso não me fazia sentir melhor. Um dia sugeri-lhe:

— Vamos parar de fazer estas coisas, mana.

— Só mais uma vez, Alberto. Está bem?

Porém, nunca era a última. Cedíamos sempre aos desejos da carne, porque nos víamos como hemisférios de um mesmo globo: um não podia existir sem o outro. Para tanto, cada um tinha rituais particulares. A Catarina, por exemplo, gostava de se contemplar ao espelho, de esconder o cabelo atrás da curva do pescoço, numa trança, de se imaginar como o rapaz que eu era. Eu dava comigo a escanhoar a barba tão rente que o meu rosto — mais anguloso do que o da Catarina — se assemelhava ao dela.

Esta identificação estendia-se a todos os atos do nosso quotidiano: vestíamos-nos sempre de igual, cultivávamos as mesmas amizades, copiávamos aquilo que a genética não tinha assemelhado em nós.

— O nosso segredo, mano. Nunca o contaremos

— Nunca — assentia.

No entanto, com o tempo, em vez de brincarmos às escondidas, começámos a revelar alguns indícios da paixão. Só uma década depois percebi que essa necessidade se fundamentava no desejo de reconhecimento do nosso pecado. Começámos com pequenos gestos: caminhávamos de mãos dadas, ou trocávamos afagos breves — coisas aceitáveis entre irmãos, nada de escandaloso. Uma tarde, fomos mais longe. A Catarina pediu à Elisabete e à Sónia para se encontrarem connosco, atrás do ginásio. À hora marcada, as raparigas compareceram, curiosas.

— Vou mostrar-vos como eu e o mano brincamos um com o outro... — anunciou a Catarina.

Para surpresa das raparigas, beijámo-nos. Primeiro, a língua dela traçou os meus lábios; depois, tocou-me os dentes; finalmente, entrou na minha boca. As colegas coraram, nervosas, indecisas entre sentirem embaraço ou lascívia. Terminada esta e outras transgressões, sentámo-nos em círculo sobre a erva.

— Que acham disto? — perguntou a mana.

A Sónia encolheu os ombros:

— É esquisito...

— Isto não é proibido, ou coisa assim? — inquiriu a Elisabete.

— Sim. Mas por que há de ser?

Não me recordo de ter ouvido resposta alguma.

O certo é que a culpa se tornava insuportável. A Catarina e eu desejávamos ser

descobertos, expostos à humilhação e, por fim, punidos. Ao mesmo tempo, tínhamos medo, porque não sabíamos qual seria o castigo, e porque isso significaria o final do nosso amor. Vivíamos neste dilema.

— Não podemos continuar assim — dizia-lhe.

— Pois não, é errado.

— Mas não consigo parar, mana!

— Nem eu. É como se estivesse possessa.

— Achas que nos descobrirão?

— Talvez — suspirou.

Conscientemente, tornámo-nos mais descuidados. Deixávamos a porta do consultório aberta; acendíamos a luz do pequeno candeeiro; não abafávamos os gemidos durante o amor; e quase implorávamos pelos passos punitivos do nosso pai, descendo as escadas para o rés-do-chão.

Nos meus pesadelos, ele espancava a Catarina, sobre o divã, no consultório. Ao fundo, a mãe assistia a tudo, sem intervir. Por fim, a mãe levava a Catarina pela mão, enquanto o pai me conduzia, para me aplicar o mesmo castigo. Ambos deixávamos um rasto de sangue pelo chão.

Fartos de segredos, a mana e eu estabelecíamos metas cada vez mais ousadas para o nosso amor. No último dia de aulas, a seguir à natação, sugeri à mana um plano arriscado:

— Vamos para a piscina, depois de todos saírem, e nadamos nus.

— É perigoso, mano! Seremos apanhados, é quase certo...

— Por isso mesmo. Para acabar com isto.

A partir da sala da caldeira, entrámos sub-repticiamente no balneário das meninas. Existia ali um aroma a cloro, sangue e hormonas. Uma essência mantida nas gotículas de vapor condensado que escorriam pelas paredes de azulejo.

— Podia fazer-se perfume disto, Catarina!

— Isto é perfume, mano.

— Diz-me: a nudez tem aroma?

— Claro. O medo, por exemplo, cheira a leite azedo. A pureza, a hortelã. O desejo, a terra depois da chuva.

Ocultámo-nos numa das cabinas de chuveiro e puxámos o cortinado de plástico. No nosso esconderijo, ouvíamos uma melopeia de ecos: gritos de miúdos, as boias carambolando, o chapão de um mergulhador. Com o passar do tempo, estas frases sonoras foram-se tornando mais raras e de uma sintaxe desconexa.

Alguns minutos depois, as alunas da natação invadiram os balneários. Afastando um pouco a cortina, víamos as raparigas do oitavo ano despirem o fato de banho, entrarem nos

outros duches, ensaboarem-se, regressarem aos bancos de madeira, limparem-se e vestirem-se sem pressas. Tanto eu como a Catarina nos sentíamos excitados, ao sermos *voyeurs* desta dança de nudez.

Mais sons: risos, despedidas, cacifos de metal a serem fechados, passos a afastarem-se, o pingar dos chuveiros. O último ruído a dissolver-se no silêncio foi o do enorme interruptor apagando as luzes principais.

— Vem, mana. Está na hora.

— Tens a certeza de que já saíram todos?

— Penso que sim. Mas não interessa pois não? Só temos a ganhar se nos descobrirem.

De mãos dadas, saímos do balneário, cerzidos às sombras. Não se via viva alma. Fui ao quadro geral e acendi as lâmpadas submarinas, que iluminavam intervaladamente a piscina.

A Catarina experimentou a água com o pé.

— Mmm. Está morna...

— Mas não é do aquecimento, Catarina.

— Pois não. Eles desligaram-no.

Sabíamos que inúmeros corpos, ao longo do dia, tinham temperado a água.

Despimo-nos completamente. Empilhámos as roupas de ambos num único monte, na margem da piscina. Depois, fomos até à prancha de salto e mergulhámos. Decorreu apenas um minuto até nos habituarmos à temperatura pouco mais fria do que a do ar. Durante meia hora, nadámos em círculos, roçando o corpo um no outro. Nadámos abaixo da superfície, onde as luzes azuis revelavam partículas em turbilhão. Imaginei-as como a matéria placentária, mas sabia que mais não eram do que migalhas de cloro, e restos da pele dos nadadores.

— Sinto-me como um feto, Catarina!

Mergulhámos de novo. Imaginei-me no interior de uma bolsa materna, junto ao vulto da mana, um corpo embrionário com uma cabeça enorme. Dir-se-ia uma sereia, ou qualquer besta mítica — metade gente, metade peixe. O corpo dela ia mudando e o meu também, como se fôssemos um reflexo um do outro. Em seguida, um túnel escuro devolveu-me à terra. Recordo-me da luz do dia me ferir a vista. Lembro-me das primeiras vozes. Do ventre da nossa mãe lá em baixo. Do médico me levantar. Do choro puro da Catarina que nascera sete minutos antes.

Emergimos, a suplicar oxigénio.

— Dois minutos! Aposto que estivemos todo esse tempo debaixo de água, mana.

— Não. Três! Foram três! — gritou a Catarina.

— Ca-ta-ri-na! — bradei.

— Al-ber-to!

Bradámos outra e outra vez, até as reverberações sonoras se confundirem. Ca-al-ta-ber-

ri-to-na. Aproximámo-nos e abraçámo-nos, como se nos quiséssemos fundir. Os dois corpos feitos um afundaram-se. Consumimos, pouco a pouco, o ar que nos restava nos pulmões. Depois, agitámos os pés e subimos. Quando emergimos, as luzes do teto da piscina estavam ligadas. Na margem, o guarda nocturno, um velhote, olhava-nos, incrédulo.

— Catarina? Alberto? Que se passa aqui? — deu alguns passos na nossa direção. — Mas vocês estão nus!

A partir daqui, o fio que conduz ao fim da história é emaranhado. Uma sucessão de acontecimentos que o inconsciente deliberadamente confunde para poupar a razão à dor. O vigilante fez queixa ao diretor; o diretor ameaçou-nos de expulsão e chamou os nossos pais; os pais coraram de vergonha e levaram-nos ao psicólogo escolar; o psicólogo quebrou o sigilo ao contar tudo à esposa, professora de inglês; a professora deixou que a história transpirasse para os nossos colegas; os colegas passaram a evitar-nos. Uma história sem fim de recriminações. Ninguém nos percebia. Tratavam-nos como se fôssemos duas pessoas diferentes, em vez de partes do mesmo indivíduo. Ca-al-ta-ber-ri-to-na, dissera o eco.

Já passou um mês desde o incidente na piscina. É noite de lua nova, e eu e a mana encontramos-nos em segredo no rés-do-chão da nossa casa. Tudo foi planificado com o maior cuidado durante a tarde de hoje.

— É agora ou nunca mais. Se um de nós fraquejar, o outro tem de lhe dar força, entendes, mana?

— Não te preocupes, não me vou abaixo.

Os degraus rangem sob os nossos passos, apesar de todas cautelas — e desta vez, *não* queremos ser descobertos. Subimos as escadas, devagar. Quando chegamos ao primeiro andar, encaminhamo-nos para o quarto dos pais. Como o chão do corredor é atapetado, podemos mover-nos silenciosamente.

Abrimos a porta do quarto, devagar, e espreitamos. Os vultos dos pais estão adormecidos no leito de carvalho que já tinha pertencido aos avós. Lembro-me de, quando éramos pequenos, aguardarmos pacientemente que os pais se levantassem, para ocuparmos as suas posições, ainda mornas, na cama.

Pé ante pé, separamo-nos: a Catarina ajoelha-se junto da mãe; eu debruço-me ao pé do pai. Durante alguns instantes, rezamos por coragem.

— Estás pronta?

— Vamos a isto.

Com o menor ruído, puxamos dos facalhões da cozinha, previamente afiados. Erguemo-los; aproximámo-los dos pescoços dos pais; cortámo-los, num gesto rápido. O sangue esguicha. Eles estrebucham, como peixes na rede. Tentam gritar, mas é impossível, a garganta alagada de

sangue.

Demoram algum tempo a morrer. A Catarina vira o rosto; eu, não. Os olhos da minha mãe, esbugalhados, incrédulos, fixam-me no último instante. Depois, todo o movimento cessa.

Arrastamos os corpos para fora do aposento: primeiro o pai, depois a mãe, deixando um rasto de sangue nos tapetes. Despimo-nos. E é naquela cama antiga, empapada de sangue, que eu e a minha irmã nos amamos para o mundo pela última vez.

Até para o Ano, em Jerusalém

Recordo-me de Leah, a judiazinha que acolheramos em Tondela, no Verão seco de 1941. Lembro-me do seu vestido branco, e de branco ser também o muro, a descascar caliza. Leah encavalitava-se nele, uma madeixa inquieta rente aos olhos escuros, e mordiscava o caule de uma espiga.

Abraham e Leah Levin, pai e filha, tinham chegado na Páscoa — eles chamavam-lhe *pessah* —, num *Oldsmobile* branco. Mal senti o restolhar da viatura sobre o cascalho do pátio, corri a espreitar à janela:

— São eles, avó!

A avó interrompeu o tricô e ordenou:

— Prepara-te, Luís.

Ajeitou-me o colarinho incómodo do fato domingueiro. Na véspera, eu ouvira, de novo, o sermão: que já era um homenzinho, que na ausência de meu pai, engenheiro na via-férrea angolana, me cabia desempenhar as funções de anfitrião e tratar bem os hóspedes, gente fina, fugida do braço hirto e cada vez mais longo do *Führer*.

Enquanto a avó se dirigia ao andar térreo, olhei através da janela, e vi um homem, de sobretudo despropositado naquele calor, sair do automóvel. Cumprimentou a minha avó com uma vénia, e pronunciou algumas palavras que não apanhei. Depois, saiu Leah, bocejando. Era uma adolescente morena, alta para a idade, com o cabelo apanhado por uma fita de tule.

«Como uma noiva» — veio-me à ideia.

Leah contemplou a fachada da casa e o seu olhar cruzou-se com o meu. Abaixei-me, rapidamente, surpreendido no pecado da curiosidade. Ela vira-me — e eu devia tê-la cumprimentado. As orelhas ardiavam-me de vergonha. Meu Deus, mal chegavam e já eu fazia figuras tristes!

No serão da véspera, arreliara a minha avó, com uma série de perguntas:

— Ó avó, como são eles?

— Não sei, Luís, nunca os vi. São amigos do papá, gente de boas famílias, lá da Alemanha.

Devemos tratá-los bem.

— É mesmo verdade que fugiram? Fizeram algum crime?

Já os imaginava como os espiões dos filmes que vira na capital: perigosos, cheios de cicatrizes, com um revólver escondido debaixo de um lenço.

— São judeus, e por isso Hitler não gosta deles. Fugiram primeiro para a Noruega; agora, para cá.

— Por que só chegam o pai e a filha?

— Não há mais ninguém — suspirou a avó. — A mãe da menina morreu no início da guerra.

— Ó avó, e vão ficar por cá muito tempo?

— Até a guerra acabar, Luís.

— Ó avó, e a guerra vai demorar *ainda* muito tempo?

— Que maçador! Espera e verás! Amanhã cá os teremos, se Deus quiser.

Nessa noite, custara-me a adormecer com a expectativa. Agora que finalmente conhecia os nossos hóspedes, verificava que não correspondiam ao que imaginara. Leah e Abraham eram apenas duas figuras amedrontadas, a implorarem exílio na nossa casa.

A rotina familiar modificou-se, é claro. A minha avó — católica, apostólica, romana — tolerava o culto dos recém-chegados e condescendia a Abraham algumas visitas de outros judeus, nomeadamente do rabino de Belmonte, um homem de barbas espiraladas.

Todas as noites, Abraham ouvia as emissões da B.B.C., na telefonia, de olhos fechados, com a concentração de um crente, e traduzia para nós:

— Hitler continua a bombardear a Inglaterra. O que preocupa os londrinos não é o ruído das bombas a cair. É quando deixam de ouvir o silvo! Porque isso significa que estão mesmo debaixo delas!

— Continue — pedíamos.

— No deserto, o marechal Rommel comanda as forças alemãs e italianas. Quer forçar os britânicos a recuarem para as fronteiras egípcias.

— Mais, senhor engenheiro.

— Por hoje é tudo... Que lavé proteja os aliados.

A minha avó, anglófila de gema, fazia coro:

— Deus esteja com eles.

Eu e a Leah vibrávamos com as batalhas que se travavam nos céus longínquos. Muitas vezes, íamos à estante buscar o *Grande Atlas Mundial* do meu pai, um calhamaço enorme, que a Guerra desatualizara por completo. Deitávamo-nos sobre a cama e abríamo-lo. Leah passeava com os dedos sobre os territórios conquistados pelo *Führer*:

— Primeiro a Polónia — dizia a rapariga —, depois a Holanda, a Bélgica e uma parte da França.

— Espera só até Roosevelt mandar os norte-americanos entrarem na guerra...

— Quem achas que vai vencer a Guerra, Luís?

— Hitler não é, de certeza!

— Odeio aquele homenzinho de bigode ridículo! — dizia Leah, franzindo o sobrolho.

Fiz voar um avião de lata sobre o atlas, e imitei o silvo das bombas a caírem. Leah pegou num soldadinho de chumbo, fingiu que era Hitler, e fê-lo escapar-se comicamente para lá dos Urais.

Em Tondela, toda a gente sabia que tínhamos dois judeus fugidos da Alemanha hospedados em casa. A minha avó não podia ir às compras, sem ser abordada por algum local, com perguntas sobre o aspeto e costumes dos recém-chegados. Na escola, também eu não escapava à curiosidade da rapaziada:

— Ouve lá, ó Luís — perguntava o colega de carteira, enquanto o mestre rebuscava na pasta os ditados —, é verdade que eles não comem carne de porco?

— É sim!

— E ela, a alemãzita, é jeitosa?

— De truz, Zé, já a vi nua!

— Não acredito!

— A sério. Espreitei pelo buraco da fechadura do quarto de banho, quando a Leah saiu da banheira.

— E que tal?

— É de arrasar!

Mimei-lhe com exagero as formas desabrochantes do corpo adolescente de Leah. O Zé rematou com um assobio.

— Quem foi?! — indagou o professor, de régua numa mão e ditados na outra.

Com o tempo, os «nossos judeus» — assim a minha avó os batizara — tornavam-se mais comunicativos, e o seu Português ganhou os contornos arredondados da Beira. À medida que se tornava óbvio que a guerra não tinha pressas, retomavam hábitos antigos. Abraham ensinava a Leah os mistérios da *Torah* e os preceitos do *Talmude*. O judeu apontava as linhas com um indicador prateado, e recitava os versículos em ídiche, curvando a cabeça diante dos mistérios de lavé.

A rapariga crescia, em sabedoria e corpo, agora com quase catorze anos, antepostos aos meus treze. Namoriscar era inevitável. Primeiro, trocávamos olhares de uma margem à outra da mesa; depois, envolvíamos-nos em brigas amigáveis, meras desculpas para nos tocarmos.

Contudo, a paixão só veio com as primeiras luzes de Maio e o regresso das andorinhas. Experimentávamos o trote dos cavalos, deleitávamo-nos com as primícias da terra, corríamos pelos sulcos do vinhedo. Exaustos, acabávamos deitados sobre o feno da cavalaria.

Foi aí, numa tarde de sortilégio, que pela primeira vez a beijei. O ar tinha o cheiro forte das maçãs dentro do barril e da transpiração das montadas. Toquei-lhe na mão. O indicador dela percorreu-me a palma:

— Vou ler-te a sina, Luís.

— Vê lá o que dizes — recomendei-lhe, supersticioso.

Encostei-me a uma das barras de carvalho que sustentavam o telhado da cavalaria e estendi-lhe a mão.

— A linha da tua vida é longa e sem de sobressaltos, Luís.

— Muito bem.

— A da inteligência é funda...

— E a do amor, Leah?

A rapariga olhou-me longamente. Depois, acariciou-me o pescoço e presenteou-me com um beijo nos lábios. Perante o meu espanto, soltou uma gargalhadinha, e correu porta fora.

— Volta, Leah!

— Tens de me apanhar!

Contudo, não a segui. Fiquei ali, hipnotizado, até a avó me chamar, da varanda.

Nesse serão, poucas palavras trocámos. Primeiro, o mesmo jantar taciturno, onde as crianças não tinham permissão para abrir a boca. Depois, recolhidos os pratos de pudim de amora, passava-se à biblioteca. Abraham elogiava as águas sulfurosas, vindas da Lajeosa, e discutia assuntos banais — nunca religião. Logo que a avó cabeceava sobre as agulhas de tricô, era altura do «boa-noite» formal.

Já estava no meu quarto, quando ouvi pancadinhas na porta. Seria a Leah? Abri. Apareceu nosso único criado, de candeeiro a petróleo na mão — a quinta da avó só depois da guerra teve luz elétrica —, e disse:

— O senhor engenheiro chama o menino.

Apressei-me a abotoar o colete. Ocorreu-me que o judeu, por qualquer arte mágica, soubera do episódio da cavalaria e me aprontava agora o castigo adequado ao atrevimento. Engoli em seco e bati à porta do escritório, que a avó transformara nos aposentos de Abraham.

— Entra, entra, meu rapaz — ordenou.

— Boa-noite, senhor engenheiro — balbuciei.

Indicou-me uma cadeira.

— Sabes que data é hoje? É *purim*, o dia em que a rainha Ester salvou o povo judaico. Ora,

é hábito dar-se um presente às crianças — remexeu no bolso e tirou de lá um embrulhinho em papel pardo. — É para ti.

Sorri, de alívio:

— Muito obrigado, senhor engenheiro. É muito gentil da sua parte. Mas não precisava de se ter incomodado...

— Então, não abres...?

Desembrulhei. Era um relógio de bolso, com corrente de ouro de lei, e um pontual tiquetaque suíço:

— Senhor engenheiro! É demasiado!

— Qual quê?! Estás um homem feito! Um cavalheiro tem de saber dividir o tempo pelo estudo e pela diversão.

Agradei-lhe inúmeras vezes, sem saber que mais dizer, e corri a dar a novidade à avó, que já estava a dormir.

Cresci, nesse serão. Talvez por isso, uma quinzena depois, escanhoasse o rosto, pela primeira vez — à custa de alguns golpes, que a navalha tinha o fio de um sabre samurai. A avó lá me remediou a alergia, com panos mornos:

— Estás tal e qual o teu pai! — disse-me.

Leah, que assistira a toda a operação, passou-me a mão pelo rosto e murmurou um desencorajante:

— Mmm...

Sentia-me outro, quando aos Domingos íamos à missa, no *Oldsmobile* de Abraham. Este aguardava dentro da viatura que o serviço religioso dos católicos terminasse, para nos levar de volta à quinta.

No mês seguinte, Leah fez deslizar um bilhete por baixo da porta do quarto: uma folha pautada, de linha dupla, daquelas onde as crianças aprendem a desenhar os caracteres. Dizia «Amote» — tal e qual, sem hífen. Nada era que não soubesse já, mas era tudo o que queria ler.

Começámos a namorar, às escondidas. Estávamos sempre juntos: se alguém quisesse saber de um, era procurar o outro. Nunca a avó ou o engenheiro Abraham comentaram o namoro, convencidos talvez da efemeridade das paixonetas adolescentes, ou da impossibilidade de judaísmo e catolicismo combinarem. Na opinião de ambos, estas religiões estavam uma para a outra como vinagre para azeite. No entanto, sabíamos que, um dia, o óbvio iria ser exposto, e tínhamos medo.

O piquenique foi no Dia de Corpo de Deus, feriado de Tondela. Memorizei-o como o quadro *Le Déjeuner sur L'Herbe*, de Manet, que vira num livro do avô, quando procurava retratos com mulheres nuas. Abraham estava apoiado no cotovelo, com o bastão sobre a relva; a avó

colhia flores na margem do Rio Dinha; eu, ao lado de Leah, nadava de costas. No canto inferior esquerdo, havia um cesto do piquenique, com maçãs e vinho branco.

— Crianças, cautela! Não se afastem muito! — recomendou o engenheiro.

— Não se preocupe. São só algumas braçadas.

Olhei para o céu. A atmosfera estava cinzenta, saturada de chuva.

— Julho está feio!

Em resposta às minhas palavras, começou a chover. A princípio, foram só uns pingos, mas depois, transformaram-se numa bátega escura.

— Meninos, saiam da água! Vamos! — ordenou Abraham.

Obedecemos-lhe. Na margem, a avó esperava-nos com os agasalhos:

— Sequem-se bem!

E foi então que aconteceu. Terá sido um impulso, um desejo finalmente libertado? Ou o feitiço da roupa molhada, colada à silhueta espigadota de Leah, a revelar o ventre liso e as coxas apetecíveis? Impulso, desejo ou feitiço judaico — chamem-lhe o que quiserem. Agarrei no braço da rapariga e beijei-a com todo o ímpeto. Leah não resistiu: a sua boca era quente e a língua dela foi cúmplice da minha. Durante alguns instantes, o mundo esfumou-se à nossa volta. Só existíamos nós, o beijo e a chuva.

As reacções ao beijo não se fizeram esperar. O engenheiro empurrou-me para longe de Leah, e, logo a seguir, esbofeteou-me.

— Larga-a! — gritou.

Depois, virou-se para a filha e deu-lhe também uma bofetada. Murmurou um impropério em Alemão — uma língua que me parece particularmente apropriada para insultar pessoas. Leah levou a mão ao rosto que, segundos antes, eu acariciara. Foi tudo tão rápido! Senti o coração a bater agitado, e a fúria a cegar-me. Um segundo depois, socava o engenheiro no estômago. O velho agarrou-se a um arbusto para não cair à água. Quando recuperou o equilíbrio, atirou-se a mim, aos pontapés.

— Parem, meu Deus, parem! — a avó tentava separar-nos. — Luís, tem vergonha! Senhor engenheiro, que vem a ser isto?!

O ambiente toldou-se por completo. A minha avó e Abraham deixaram de se falar, após uma acalorada reunião no escritório. Uma semana depois, pai e filha antecipavam os planos, e partiam para Lisboa. O projecto era apanharem um barco português para New Jersey, nos Estados Unidos, onde os aguardavam alguns parentes distantes, solidários para com os judeus perseguidos.

Durante os dias que antecederam a despedida, os adultos mantiveram-me a mim e a Leah incomunicáveis. Todos os passeios pela quinta foram cancelados e até as refeições eram

tomadas em alturas diferentes, para que não nos encontrássemos. Agora, o exilado era eu, na casa de meu pai.

Só vi Leah uma vez, de relance, à entrada da biblioteca, onde ela fora buscar um livro de biologia:

— Leah... — sussurrei.

A rapariga devolveu-me um olhar triste, antes de baixar a cabeça e desaparecer no corredor, na direção do quarto, sem uma palavra.

Na última noite de permanência dos judeus em Tondela, dirigi-me ao escritório. Havia uma réstia de luz sob a porta. Bati duas vezes, a medo.

— Entre! — disse Abraham.

O homem que tinha proibido o meu amor, e se preparava para levar Leah para lá do oceano, franziu o sobrolho ao ver-me. Sem uma palavra, deixei o relógio de bolso em cima da secretária, e retirei-me.

— Por que fizeste isso? — pergunta-me Leah.

Procuro encontrar no rosto enrugado dela traços da menina de catorze anos. Talvez a curva do nariz ou o formato dos lábios sejam ainda os mesmos. Os olhos continuam, sem dúvida, escuros e expressivos.

— Não sei, Leah. A cinquenta anos de distância... — encolho os ombros, e medito no absurdo da situação. Foi preciso atravessar o Atlântico; trabalhar numa escola para portugueses, em Newark; procurar Leah por meio de um anúncio de jornal; marcar encontro com ela, no outro lado do rio Hudson.

Estamos num restaurante da Quinta Avenida. Lá fora, o vento dedica-se a virar do avesso os guarda-chuvas dos transeuntes. Vemo-los aconchegarem-se nas entradas das lojas ou chamarem os táxis amarelos. Conversamos em Inglês:

— Casaste... — aponta para o anel no meu dedo. — Tens filhos?

Puxo da carteira, e mostro as fotografias:

— Este é o Peter, trabalha na publicidade.

— Parece-se contigo!

— Dizem que sim! Esta a Suzanne, já me deu dois netinhos, está agora a viver em Hartford.

— É bonita! — dizes, segurando nos bordos da fotografia.

— E aqui, a última. Vinte e quatro anos. A minha princesa.

— A mais bela de todos! Como se chama?

Remexo-me na cadeira, embaraçado:

— Leah. Chama-se Leah.

— É uma boa escolha, Luís. Já lhe contaste a nossa história?

— Era uma das suas favoritas, em pequena...

Sorrimos. Já não sabemos quem somos. Passou-se demasiado tempo. Contudo, os passeios pela quinta de Tondela, os Verões infinitos, o beijo no rio — tudo volta a existir ali, num restaurantezinho de Nova Iorque.

Brinco ainda algum tempo com o guardanapo, manchado do batom de Leah. Depois, pago, dou-lhe o braço e saímos. São cinco horas da tarde, parou de chover, e as luzes da Big Apple acendem-se em glória. Ao chegar à esquina, Leah despede-se de mim. Confirma que trocámos endereços, e que nos escreveremos:

— Meio século a pôr em dia, não é, Luís?

Afasta-se, por entre a enxurrada de retardatários.

— Até para o ano, em Jerusalém! — digo-lhe ainda.

Leah acena-me que sim. Vejo-a atravessar a rua, debaixo de chuva. Um andar elegante, mesmo aos sessenta.

Sinopse

As Fadas Não Usam Batom, de João de Mancelos, é um conjunto de onze contos escritos num estilo ora melancólico ora bem-humorado, mas sempre sensual. Ao longo destas páginas, o leitor ficará a saber por que não usam as fadas batom, aprenderá a beijar uma rapariga com aparelho nos dentes, e descobrirá como cortejar duas irmãs ao mesmo tempo (sem ser descoberto). Travará ainda contacto com uma atriz perdida num labirinto de máscaras, uma sibila que gostaria de não ter o dom da profecia, e dois gémeos com um segredo inefável. São, enfim, histórias de personagens que procuram o sentido da existência, no mundo contemporâneo, onde o estranho parece normal, e o normal é cada vez mais invulgar.